



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JORGE MÁRIO DE LIMA OLIVEIRA

CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA:
Análise do filme Capitão América: o primeiro Vingador (2011)

SANTARÉM
2020

JORGE MÁRIO DE LIMA OLIVEIRA

CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA:

Análise do filme *Capitão América: o Primeiro Vingador* (2011)

Trabalho de Conclusão de Curso entregue a Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em História sob orientação do Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima.

SANTARÉM

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da UFOPA
Catalogação de Publicação na
Fonte. UFOPA - Biblioteca Unidade Rondon

Oliveira, Jorge Mario de Lima.

Cinema e ensino de história: análise do filme Capitão América
- o primeiro Vingador (2011) / Jorge Mario de Lima Oliveira. -
Santarém, 2020.
25fl.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - (Artigo). Universidade
Federal do Oeste do Pará - UFOPA. Instituto de Ciências da
Educação - ICED. Programa de Ciências Humanas.

Orientador: Douglas Mota Xavier de Lima.

1. Cinema. 2. Ensino de História. 3. Capitão América. I.
Lima, Douglas Mota Xavier de. II. Título.

UFOPACampus Rondon

CDD 23.ed. 791

Elaborado por Selma Maria Souza - CRB-2/1096

JORGE MÁRIO DE LIMA OLIVEIRA

CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA:
Análise do filme *Capitão América: o Primeiro Vingador* (2011)

Data de aprovação: _____

Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima – Orientador
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Profa. Dra. Wânia Alexandrino Viana – Avaliador
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Profa. Dra. Lademe Correa de Sousa – Avaliador
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

SANTARÉM
2020

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo desse período.

Aos meus pais, Jorge Mário Oliveira e Maria Nazaré de Lima Oliveira, que sempre estiveram presente na minha caminhada, me incentivando e apoiando nos meus projetos de vida.

Aos meus irmãos, Pedro Henrique e Marlisson Luiz, que mesmo distantes, mantiveram-se presentes nessa jornada.

À minha querida companheira Caroline Gomes Macêdo, pela compreensão e paciência demonstrada durante todo período que estive na Universidade.

Aos meus sogros, Nazamôr Macêdo e Elivaldo Macêdo, por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho

Aos meus colegas de curso, em especial a Turma de História 2016, com quem convivi intensamente durante esses anos, pelo companheirismo e troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

Ao Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima, por ter-me aceito como seu orientando, pessoa pelo qual tenho muita estima e admiração, com todo seu lado profissional e dedicado ao ensino

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

À instituição de Ensino Universidade Federal do Oeste do Pará, essencial no meu processo de formação profissional.

“O que os filmes refletem não são tanto credos explícitos, mas dispositivos psicológicos – essas camadas profundas da mentalidade coletiva que se situam mais ou menos abaixo da dimensão de consciência”.

Siegfried Kracauer

CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: Análise do filme *Capitão América: o Primeiro Vingador* (2011)

Jorge Mário de Lima Oliveira

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a discussão acerca do Cinema como ferramenta útil no processo de ensino – aprendizagem de História. Neste sentido, recorreremos ao Filme “Capitão América – O Primeiro Vingador” (2011) por ser uma obra atual e presente no imaginário do público infanto-juvenil. Partindo disso, e do entendimento do cinema como portador de um discurso, que pode proporcionar uma aprendizagem histórica, abordam-se possíveis maneiras de como os espectadores podem ser influenciados pelos valores e conhecimentos históricos, que o filme tenta transmitir e a importância do uso do cinema no ensino de História como mediador cultural. A metodologia do trabalho se baseia em uma revisão bibliográfica e análise historiográfica pautada em revistas, e artigos científicos. Como resultado da pesquisa, percebemos que a utilização do recurso traz ao professor uma gama de abordagens e discussões, desde a seleção da obra, passando pelos discursos ideológicos, a contextualização histórica da obra, dentre uma infinidade de simbologias firmadas na obra. Concluímos que o Cinema é um difusor de conhecimentos e representações históricas, é um importante agente na proposição e difusão de saberes históricos, contribuindo para a formação do pensamento e do aluno-cidadão.

Palavras-chave: Cinema. Ensino de História. Capitão América.

CINEMA AND HISTORY TEACHING: Analysis of the Movie *Captain America – The First Avenger* (2011)

ABSTRACT

The present work proposes the discussion about Cinema as a useful tool in the teaching – learning process of History. In this sense, we resort to the movie “Captain America – The First Avenger” (2011) because it is a current work and present in the imagination of children and youth. Based on this, and on the understanding of cinema as a carrier of a discourse, which can provide historical learning, possible ways of how viewers can be influenced by the values and historical knowledge that the film tries to transmit and the importance of using cinema in the teaching of History as a cultural mediator.

The methodology of the work is based on a bibliographic review and historiographical analysis based on magazines, and scientific articles. As a result of the research, we realized that the use of the resource brings to the teacher a range of approaches and discussions, from the selection of the work, through the ideological speeches, the historical context of the work, among an infinity of symbologies signed in the work. We conclude that Cinema is a diffuser of knowledge and historical representations, it is an important agent in the proposition and diffusion of historical knowledge, contributing to the formation of thought and the student-citizen.

Keywords: Cinema. History teaching. Captain America.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vem passando por diversas e profundas transformações e quando se trata do acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)¹ – exemplificadas pelos jornais, cinema, rádio e televisão –, acompanham-se os mesmos passos de desenvolvimento devido ao considerável universo de informação repassado por todos os meios. Essa profusão surgiu com o advento dos meios de comunicação em massa em finais do século XIX e, diante do desenvolvimento industrial e urbano, gradativamente caracterizou-se pela inserção do cinema, do rádio, da televisão e da telefonia no dia a dia das pessoas (BRIGGS, BURKE, 2002). Na atualidade, marcada pela revolução das telecomunicações, percebemos o avanço da internet e dos meios de comunicação digital, como as redes sociais e o uso dos serviços de *streaming* como Netflix, Amazon Prime, Youtube, dentre outros.

Essas tecnologias possuem uma linguagem mais próxima dos jovens e tendem a fazer parte do cotidiano deles devido sua presença massiva. Por consequência, tais tecnologias influenciam todos os âmbitos da vida em sociedade, inclusive a Educação, e seus variados usos podem contribuir no

¹ Entendemos que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) diferenciam-se pelo elemento digital presente na segunda, que envolve equipamentos e aplicações tecnológicas que permitem acesso à internet, como computadores, tablets, celulares, smartphones, entre outros.

processo de ensino e aprendizagem e, particularmente, no ensino de História (FERREIRA, 1999).

Conforme Selva Fonseca (2013), todas as linguagens favorecem a produção e difusão de saberes históricos, contribuindo para a formação do pensamento e do aluno-cidadão. Segundo Hipolide (2009), conhecer diferentes linguagens e metodologias possibilita ao professor perceber que a ciência histórica não se resume a um caráter narrativo de fatos do passado. A autora deixa claro o quanto é fundamental, sob o ponto de vista do professor, o repensar da prática do ensino da História diante das grandes mudanças que ocorrem na atualidade.

O professor que outrora era visto como transmissor do conhecimento, rompe com essa perspectiva e passa a notabilizar-se como orientador, mediador da aprendizagem, guiando os alunos ao processo de investigação de conhecimentos. Atualmente, com o auxílio das tecnologias de comunicação e informação, o professor de História conta com o auxílio de inúmeros recursos para ampliar o conhecimento histórico dos alunos. Nesse cenário, destaca-se a importância da linguagem audiovisual, em especial do cinema, para a Cidadania e a Educação.

O cinema surgiu em 28 de dezembro em 1895 com os irmãos Auguste e Louise Lumière e a obra *La Sortie de L'usine Lumière a Lyon* (A saída da Fábrica Lumière em Lyon). A exibição ocorreu numa Sala do Grand Café no Boulevard Capucines, em Paris, contando com a presença de 35 espectadores que pagaram a quantia de um franco. Os irmãos Lumière promoveram o cinematógrafo, equipamento que reproduzia mecanicamente sobre uma tela branca imagens em movimento (MEIRELLES, 1997). A exibição representou um marco de transformação, pois o mundo que se destacava pelas imagens estáticas reveladas pela Fotografia, passava a contar com a inserção das imagens em movimento criadas pelo cinema, possibilitando a captação e fixação de imagens nunca alcançadas.

Inicialmente, os irmãos Lumière afirmaram que o cinematógrafo não tinha futuro como espetáculo, sendo apenas um instrumento científico que reproduzia movimentos. No entanto, mais de um século depois é indiscutível que eles se equivocaram, afinal, o cinema constitui um dos mais importantes meios de comunicação de massa da atualidade e uma linguagem com diversas

contribuições para o ensino. Consoante Silva (2007), a experiência estética que o cinema proporciona permite repensar atitudes, reavaliar valores, questionar convívios com posturas antes inquestionadas. Essa possibilidade de reflexão e de mudança serve como expressão das possibilidades educativas e éticas do cinema.

Diante disso, o artigo tem como objetivo explorar possíveis usos do cinema para o ensino de história. A partir da análise bibliográfica acerca do tema, o estudo concentra-se no filme *Capitão América: O Primeiro Vingador*, lançado no ano de 2011. A película é derivada do famoso herói das histórias em quadrinhos e foi produzida pelos Estúdios Marvel e distribuída pela Paramount. O filme, mesmo sendo uma obra ficcional ligada aos gêneros Ação e Aventura, apresenta uma série de elementos para a discussão histórica, que vão desde a ambientação do enredo na Segunda Guerra Mundial aos usos do passado pela indústria fílmica hollywoodiana.

CINEMA E HISTÓRIA

Desde o surgimento do cinematógrafo, em finais do século XIX, constata-se a articulação entre Cinema e (Ensino de) História. Porém, por muito tempo foi negada a legitimidade dos filmes como documento histórico. Tal alegação seguia o cunho da visão historiográfica da época, que considerava os filmes como um instrumento que distorcia o passado, criando uma espécie de falsificação do passado. Conforme aponta Abud (2003), as décadas de 1970 e 1980 demarcaram mudanças de paradigmas e novas propostas na construção do conhecimento histórico, consolidando a “Revolução Francesa da Historiografia” (BURKE, 1990) empreendida pela Escola dos Annales desde a década de 1930 e que reformulou conceitos e métodos históricos, passando a encarar os filmes como uma das inúmeras fontes históricas.

A Nova História Cultural nasce nesse contexto com o objetivo de promover uma espécie de nova análise histórica, com a inserção de novos temas a serem explorados, entre eles: a história das mulheres, o renascimento da narrativa, a história oral, as pinturas, o cinema, entre outras temáticas, possibilitando uma amplitude de estudos. O historiador francês Marc Ferro é

considerado um dos pioneiros na utilização do cinema como fonte histórica, através de seu ensaio “O filme: uma contra-análise da sociedade?”, de 1971. Para o autor, o filme é uma anedota, uma ficção cuja análise – para compreender a obra e a realidade que representa – pode incidir em fragmentos de filmes, de planos, de temas, levando em consideração a necessidade das díspares Ciências Humanas. O historiador possui um leque de opções para se trabalhar o recurso, como: cenário, a escritura, a produção, os autores, a crítica, o regime de governo. Assim:

Uma produção cinematográfica se configura como artefato cultural complexo. Envolve uma ampla gama de processos constitutivos, que perpassam escolhas e possibilidades técnicas, financeiras, culturais e políticas. Esse emaranhado de questões condiciona a produção de uma película, seja industrial ou artesanalmente, e interfere no resultado do trabalho que será observado pelo espectador. Além do que é assistido em uma tela, há todo um conjunto de procedimentos que direcionam o produto final da obra cultural em questão (SOUZA, 2013, pag. 27).

O cinema, assim como outras mídias da cultura de massa, é um poderoso instrumento de socialização e não pode ser encarado de forma acessória nos debates sociais, necessitando de uma análise crítica. Nesse sentido, Theodor Adorno e Max Horkheimer, na Escola de Frankfurt, criaram o conceito de Cultura de Massa, relacionado à industrialização que ocorria no mundo pós-Segunda Guerra Mundial, marcada pelo processo de produção em série de suas *commodities*. A cultura não ficou aquém desse processo, tornando-se um produto graças a inclusão de tecnologias de criação e bens simbólicos materializados em jornais, fotografia, cinema, rádio e televisão, assim como seu meio de acesso e distribuição a muitas pessoas. Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural, pautada na lógica do mercado e na produção em larga escala, levaria ao “naufrágio” da arte a partir do cinema, que para eles não sobreviveria à vulgarização de uma cultura transformada em indústria (FANTIN, 2009).

Em meio a essas questões, Maria Setton (2004) enfatiza que a linguagem midiática (entre elas o cinema) transmite um conjunto de saberes carregados de sentidos e juízos de valor, os quais servem como importantes agentes socializadores, ora servindo como fonte de informação e referências

de comportamentos, ora cumprindo papel de instrumento ideológico. Ademais, conforme Ravanello (2007), a relevância alcançada pela imagem ao longo do século XX, fez dela o espaço onde se travam disputas que vão da transformação dessa imagem em capital, passando pela cultura, até a pedagogia pela imagem, o que implica na necessidade de encarar a esfera da mídia como campo pedagógico estratégico do presente.

As obras cinematográficas acabam por construir uma visão de passado influenciada por diversos fatores, como valores, estereótipos, visões de mundo e ideologias. Desta maneira, nem sempre o que é exibido no cinema coincide com o conhecimento histórico produzido pelos historiadores. Este aspecto, por vezes, limitou a relação entre História e Cinema, todavia, existe um novo mundo visual do passado resultado, entre outros fatores, do discurso fílmico, perspectiva que amplia significativamente as potencialidades do uso do cinema no ensino. A História não é ensinada e apreendida apenas no espaço escolar, existindo inúmeros outros focos de saberes históricos. Nesse contexto, pode-se afirmar que em nossa sociedade, uma sociedade com predominância de elementos visuais, as imagens tornaram-se fonte de conhecimento histórico (LIMA, 2021, no prelo)².

Os filmes e, em especial, os filmes com temática histórica, constituem meio privilegiado para a construção de discursos sobre o passado, formando, juntamente com outros discursos, a consciência histórica. Como argumenta Robert Rosenstone (2015), filmes, minisséries e documentários são gêneros cada vez mais importantes em nossa relação com o passado e para o nosso entendimento da história. Os filmes permitem inventar fatos e produzem o efeito de real, efeito tão forte no espectador que possibilita tomar a representação pela coisa real (ROSSINI, 1999). Nesse sentido, é fundamental problematizar a relação Cinema e História.

Marcos Napolitano (2011) apresenta três possibilidades de relacionar Cinema e História: a primeira é “o Cinema na História”, na qual o cinema aparece como fonte primária na análise historiográfica; na segunda, “A História no Cinema”, o cinema passa ser encarado como produtor de um

² Artigo inédito do professor Douglas Mota Xavier de Lima, aprovado e previsto para publicação em 2021 na revista *Acta Scientiarum – Education* (e-ISSN – 2178-5201). O texto foi gentilmente cedido pelo docente para a elaboração do presente trabalho de conclusão de curso.

“discurso histórico” e como intérprete do passado; a última, “A História do Cinema”, possui como foco concentrar-se no estudo dos avanços técnicos do cinema. Ainda seguindo as propostas de Napolitano (2009), o autor elenca abordagens acerca do uso do cinema em sala de aula, destacando duas formas: a) O filme pode ser um “texto” gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor; b) O filme pode ser visto como um documento em si. Neste caso, o autor alega que precisa ser analisado e discutido como produto cultural e estético que veicula valores, conceitos, atitudes e representações sobre a sociedade, a ciência, a política e a história.

Diante dos elementos expostos, cabe apresentar alguns apontamentos sobre a relação Cinema e Ensino de história.

CINEMA E O ENSINO DE HISTÓRIA

O trabalho com o Cinema na Educação e, especificamente nas aulas de História, suscita questionamentos importantes acerca do que está sendo retratado na tela, dos fatos narrados e da ambientação histórica. O historiador não pode buscar nos filmes a verdade histórica, antes deve problematizar as condicionantes presentes no discurso fílmico. Apesar disso:

para muitos, a única história que existe é a história vista através das luzes de Hollywood, principalmente. O cinema, muitas vezes, mostra verdades interessantes sobre a condição humana, mas é claro, não substitui a história que é escrita com base em análises e evidências [...]. Afinal qual é o limite entre ficção e história? [...] A história pode trabalhar com o cinema e o cinema pode ajudar a história? (BALDISSERA, 2006, p. 15-16).

Como ressaltam Josep Caparrós-Lera e Cristina Rosa (2013), é preciso compreender que o discurso fílmico, seja ele presente no filme histórico, no documentário ou numa obra de ficção, está sempre tomado pela subjetividade. Ao considerar esse pressuposto, o professor não deve cometer o erro de buscar nas produções cinematográficas a verdade histórica, porque não a encontrará. Para os autores:

[...] o cinema assume um duplo papel no ensino de história: agente e documento. Agente da história uma vez que transmite conceitos e valores do seu tempo, sendo um produtor de sentidos. Neste caso, é preciso associar a produção cinematográfica com o mundo que a produziu para entender como ele atua repassando valores e conceitos. Documento, porque os filmes auxiliam a construir a história, através da pesquisa, e a compreender o mundo. (CAPARRÓS-LERA, ROSA, 2013, p. 199)

Inserindo-se nessa discussão, Mônica Kornis (1992) defende a “educação do olhar” para o trabalho com as produções cinematográficas, ressaltando que a relação com a documento audiovisual não pode ser encarada de forma ingênua. Para a autora, a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida. Ao trabalhar com o cinema, o professor não pode apresentar o material fílmico como uma espécie de verdade, ou seja, deve-se ter cuidado no uso de filmes para não reafirmar visões do passado influenciadas por diversos fatores como valores, estereótipos, visões de mundo e ideologias veiculadas pelo material audiovisual. Deste modo, nem sempre o que é exibido coincide com conhecimento histórico produzido pelos historiadores.

Ao trabalhar com o cinema o historiador deve manter-se preocupado com as imagens, não ficando limitado somente ao conteúdo apresentado no filme. Marc Ferro (1992) destaca a importante observância da análise das imagens e seus significados, e pondera o modo em que o historiador deveria atuar. Segundo o autor francês, o historiador não deve buscar no cinema apenas ilustração, confirmação ou discordância de outro saber oriundo da tradição escrita acadêmica, antes deve investigar o filme associando-o com o mundo que o produz.

O historiador deve seguir procedimentos essenciais para análise fílmica, devendo discutir em qual contexto foi produzida a obra e quais as temáticas abordadas. Em relação ao Ensino da História, autores como Abud et al. (2013), apontam dois gêneros que podem ser utilizados pelo professor de história: documentários e a ficção histórica, os quais se comprometem em diferentes níveis com a reconstituição ou com a compreensão de fatos históricos, sem , entretanto, ameaçar o estatuto ou importância da pesquisa histórica.

A prática na sala de aula requer do professor um trabalho constante, e a utilização de diferentes recursos pode tornar o processo de aprendizagem mais interessante para o aluno. Por esse meio, o uso de filmes não pode ser uma mera exibição sem cunho investigativo e problematizador. Circe Bittencourt (2008) aponta que isso pode resultar num grande desastre se não forem levadas em consideração as preferências e experiências dos discentes como espectadores.

Conforme Moran (1995), um filme em sala de aula deve ser objeto de uma escolha cuidadosa, aliando a sensibilidade do discente – observando a familiaridade deles com o universo cinematográfico – e os interesses pedagógicos do docente. Com isso, o professor ao atribuir o recurso como fonte para o ensino deve por em prática critérios para o desenvolvimento de uma discussão. Marcos Napolitano (2009) também aborda a temática sobre a experiência do filme na escola, defendendo que o professor deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico.

CAPITÃO AMÉRICA: ORIGEM E PARTICULARIDADES DO “SOLDADO CIDADÃO”

O personagem Capitão América surgiu entre a Crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), período demarcado pelo desequilíbrio social, econômico, cultural etc., e pela ameaça do avanço das potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Em meio ao cenário, a crescente indústria dos quadrinhos norte-americanos investiu na figura dos heróis, lançando personagens como Superman (1938), Batman (1939), Flash (1940), Lanterna Verde (1940) e, como primeiro grande herói da Marvel, o Capitão América (1941).

De acordo com Marny (1970), o apelo aos heróis se fez necessário pelas lacunas deixadas pelo mundo real que se apresentava cada vez mais frio e injusto, sendo a referência aos superpoderes carregada de significados e representações. Para o autor:

Mas eis que o verdadeiro herói aparece, aquele que não tem necessidade de adjetivos para se caracterizar, aquele que dotado pelos deuses duma força sobre-humana, é investido duma missão sagrada e deve restaurar a ordem perturbada pelas forças do mal... O mundo onde tem de combater é um campo fechado onde se batem o bem e o mal, a luz e as trevas, como no princípio dos tempos. O herói é o campeão do bem, o restaurador da ordem... (...). Os deuses não podem aceitar nem a desordem nem a injustiça. Os homens também não. (...) Os homens têm uma necessidade interior de heróis (MARNY, 1970, 122).

Conforme a Alemanha de Hitler avançava e ameaçava a América e a Europa demonstrando todo seu poder diante do front, mais se evidenciava a necessidade de um contra-ataque para combatê-la. Melo (2008) destaca que nesse contexto não se fazia necessário a utilização de heróis com superpoderes, como o Superman, mas sim de uma pessoa comum do meio dos mortais, para seu apelo se tornar mais real.

Figura 1. Capa da 1ª edição da HQ Capitão América (1941)



Fonte: Guia dos Quadrinhos.

Disponível em [http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/captain-america-comics-\(1941\)-n-1/1865/20846](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/captain-america-comics-(1941)-n-1/1865/20846)

No ano de 1941, os Estados Unidos da América entraram na Segunda Guerra Mundial e o personagem Capitão América foi apresentado ao público americano pela Timely Comics – que na atualidade corresponde a Marvel Comics. O personagem foi criado por Joe Simon e Jack Kirby, dupla de desenhista e roteirista. O herói possuía as vestes da bandeira de seu país, constituindo-se num símbolo do patriotismo norte-americano disposto a lutar contra nazistas, fascistas e japoneses. Por exemplo, já na primeira edição o público pôde acompanhar o herói socando Adolf Hitler (Figura 1).

Capitão América é considerado um dos personagens mais relevantes das histórias em quadrinhos e serve como representação do imperialismo norte-americano. Steve Rogers, um jovem americano de estrutura física modesta, é sedento pelo desejo de ir à guerra, sujeitando-se a fazer parte de um experimento com um super-soro que o transformaria no Capitão América, conseguindo realizar seu intento. Steve Rogers é a figura mítica do “Soldado Cidadão”, como aponta o historiador Gary Gerstle (2008). O herói é o cidadão que está disposto a se sacrificar para o bem de seu país, um “homem comum” da sociedade que se solidariza com a causa, não é a favor ou tem interesse em matar pessoas e muito menos é um soldado profissional. Conforme Gerstle:

Como a maioria das criações, essa figura do soldado cidadão foi moldada a partir de materiais culturais pré-existentes. Os americanos, desde muito tempo, valorizam indivíduos supostamente desinteressados em riqueza, poder ou autoridade, mas cujo cerne ético os obriga a responder quando sua comunidade é ameaçada. [...]. Ele se distingue, não por um passado que ele se sente compelido a esconder, mas pelo caráter ordinário de seus interesses civis. Ele é simplesmente um bom cidadão (GERSTLE, 2008, p. 45).

Com a representatividade do “soldado cidadão”, todo apelo patriótico e a força de seu caráter, o herói se tornou a própria encarnação da luta americana. Nano Souza (2003) faz uma categorização de que modo se representava o personagem, carregado de simbologias que nos ajudam a compreender o quanto se faz necessária sua análise. Segundo Souza, o Capitão América seria a síntese da ideologia militarista norte-americana, sendo um herói intervencionista, que toma a justiça pelas próprias mãos, lutando

contra governos estrangeiros que representariam "o mal", justamente por seguirem outro modo de vida que não o norte-americano. Souza lembra que a única arma usada pelo Capitão é um escudo, que representaria a ideia de que os EUA só atacam para se defender. Além disso, pontua que o fato do Capitão agir dessa forma faz parte da ideologia liberal capitalista da "livre iniciativa", onde pessoas vestem uniformes e saem caçando criminosos por sua própria conta.

Além dessas questões apresentadas, outro fator que contribuiu para propagação desse herói nacionalista, foi a necessidade de motivar essa população no combate aos inimigos do Eixo. Os EUA decidiram conclamar a população por meio de campanhas publicitárias que tinham por objetivo mobilização de todos, nas variadas áreas, como produção de alimentos, armas e munições, combustíveis, insumos médicos, roupa, dentre outros. Assim, devido a ebulição do período, a história em quadrinhos se torna uma ferramenta agregadora das políticas de Estado.

O USO DO FILME *CAPITÃO AMÉRICA: O PRIMEIRO VINGADOR* NO ENSINO DA HISTÓRIA.

Capitão América: O Primeiro Vingador (2011) é um filme de super-herói produzido pela Marvel Studios, sendo o quinto filme do universo cinematográfico Marvel (Figura 2). Teve a direção de Joe Johnston e foi escrito por Christopher Markus e Stephen McFeely, adaptando a história do herói dos quadrinhos. Na atualidade, o sucesso da franquia é estrondoso, seja em relação aos números de arrecadação de bilheteria, seja pela popularidade dos personagens nas diferentes camadas da sociedade, em especial o público infanto-juvenil.

Figura 2. Cartaz do filme *Capitão América: O Primeiro Vingador* (2011)



Fonte: Marvel Studios.

Disponível em: <https://www.marvel.com/movies>

Devido a todo o seu apelo e representatividade, o filme torna-se uma ferramenta essencial ao processo de ensino, conforme a familiaridade dos alunos com o universo do cinema. Em razão disso, nesse tópico abordaremos questões que são tratadas no filme, como a Segunda Guerra Mundial, a ideologia americana e seu emprego no cinema, o personagem do Caveira Vermelha que está atrelado ao Nazismo e consequente a Hitler e, por fim, como a guerra mobilizou vários experimentos e o desenvolvimento da ciência.

A obra possui como eixo central a Segunda Guerra Mundial, caracteriza-se pelos gêneros ação e aventura, com toques de comédia, apresentando um discurso político ideológico de defesa dos ideais patrióticos, do desenvolvimento da ciência, da exaltação militar e da evidente supremacia norte-americana tão pregada pela indústria de Hollywood.

Ao explorar o conflito militar global que ocorreu de 1939 a 1945, o filme utilizou-se de um caráter ficcional em seu enredo, devido a peculiaridade que apresenta o conflito, focando única e exclusivamente na ameaça alemã, deixando de lado os agentes centrais da guerra, como Japão e Itália, que formavam a tríplice e poderosa união com a Alemanha, também conhecido

como o famigerado Eixo Roma-Berlim-Tóquio. Essa ausência no filme funciona como mote para o professor trabalhar em sala de aula, podendo proporcionar um interessante debate sobre o modo que essas forças estavam presentes no combate e quais eram seus objetivos. Nesse sentido, é possível se aproximar dos apontamentos de Abud et al.:

É exatamente daí que vem a riqueza dos filmes em sala de aula. Se as concepções sobre o passado são produtos do presente, as películas revelam em seu interior interpretações que, contrapostas ao conhecimento criado por meio de pesquisas, revelam diferentes visões sobre os mesmos fatos (ABUD et. al., 2013, p.165)

O filme deve possuir um caráter além de uma simples ilustração, causando uma reflexão, dando espaço para novas abordagens no processo de ensino e aprendizagem. Abud et al. (2013) estabelecem que o professor como agente de construção do conhecimento histórico, deve garantir aos seus alunos a compreensão do passado de forma mais isenta possível e sem reducionismos, mostrando diferentes visões sobre os fatos.

No filme, Steve Rogers, o Capitão América, mantém as características dos quadrinhos, como um jovem franzino que está disposto a lutar pelo seu país, contra todo mal e ameaça externa. Sua insistência e coragem chama a atenção do cientista Abraham Erskine, um desertor alemão que recusou lutar ao lado de Hitler e que se utiliza da ciência para criar um super-soldado capaz de combater a Hydra e o Caveira Vermelha. O cientista se une a reserva científica norte-americana para a criação do super-soro e Rogers torna-se cobaia de um experimento para ser um super-soldado. O invento científico obtém o resultado satisfatório, com isso houve a transformação de Rogers modificando toda sua estrutura, passando a receber super-poderes, tornando-se um agente americano no combate as forças que ameaçavam os EUA. No início, ele não é enviado a guerra servindo como um garoto propaganda, sua presença estava ligada ao espetáculo, por meio de campanhas publicitárias de mobilização a guerra.

Com o lema de defesa aos EUA, o herói está envolto com as cores de seu país e recebe maior destaque com o escudo de proteção. A película é carregada de símbolos e valores ligados a cultura americana, além do discurso

ideológico que faz parte indústria americana do cinema. Assim, segundo Apolinário:

O cinema foi o meio mais utilizado como propaganda ideológica durante a Guerra Fria. Os bens de consumo, os super-heróis e os líderes norte-americanos eram mostrados como os símbolos do bem e da moralidade superior norte-americana. Os Estados Unidos por meio de intensa campanha anticomunista da luta do bem contra o mal produziram também história em quadrinhos, desenhos animados e seriados de televisão, explorando a oposição entre a liberdade, representada pelo American way of life, e opressão, representada pelo dirigismo estatal soviético (APOLINÁRIO, 2007, p. 171).

Ao tratarmos dessa propaganda ideológica, recorremos a George Duby (1995) para conceituar ideologia, que a expõe como representação real, nunca o real em si. Devido ser uma representação não consegue penetrar na realidade e plenitude, mantendo seu caráter reducionista e formador de estereótipos. Com isso, o cinema americano utiliza-se desse instrumento para propagação de ideias, valores e diferentes visões de mundo e acaba intervindo na História. Por conta dessa interferência, o historiador deve estar consciente do contexto que a obra está sendo apresentada, os sujeitos que estão envolvidos na confecção da obra, assim como os personagens como vilões e mocinhos, pois o filme é um documento extremamente rico e válido.

O grande vilão do filme é o Caveira Vermelha, também originado nas Histórias em quadrinhos. Seus interesses são os mesmos do Nazismo, todavia, possui interesses maiores que o regime totalitarista, como a intenção de destruir o Planeta Terra. Jonh Schimidt, o Caveira Vermelha, é o líder de uma organização denominada Hydra e na ficção ela se torna mais importante que o próprio Hitler e o partido nazista. O vilão recebeu uma versão imperfeita do super-soro criado pelo cientista Erskine, que lhe deixou sequelas, com a deformidade em seu rosto, e aparência de um cadáver, por isso a alusão a caveira. Segundo Pedroso (2014), a apresentação desses seres de aparência estranhas, seres deformes, ou até mesmo monstros permeou o universo dos quadrinhos do Capitão América, sendo comum para a representação dos inimigos, com objetivo de despertar o medo nos leitores, contribuindo para um maior engajamento na guerra.

Em observância ao emprego dos recursos imagéticos, do vilão que transmite uma inquietação ao público com sua aparência fora dos padrões e vermelha, e do herói, o Capitão América, como uma espécie de “perfeição” da raça humana, o filme possibilita uma análise que pode ser confrontada com outras fontes do conhecimento. Nesse sentido, através da análise do filme, o professor pode proporcionar ao aluno uma série de operações mentais que estimulariam as diferentes causas de mudanças históricas. De acordo com Abud:

As imagens devem estar na sala de aula porque sua leitura nunca é passiva. Elas provocam uma atividade psíquica intensa feita de seleções, de relações entre elementos da mesma obra, mas também com outras imagens e com representações criadas e expressas por outras formas de linguagem. A Imagem fílmica situa-se em relação à outra, ausente, que se relaciona com realidade que se supõe representada (ABUD, 2003, p. 188).

O século XX foi marcado por duas guerras mundiais e pelo amplo desenvolvimento da tecnologia militar. Durante o período a ciência esteve em evidência por meio de seus experimentos e pela busca da inovação tecnológica. A indústria bélica se desenvolveu de forma assustadora e novas e terríveis armas foram desenvolvidas. O filme também detalha essa corrida pelo domínio tecnológico e armamentista. A ciência se faz presente com a utilização do super-soro que produziria superpoderes, assim como nas armas com amplo poder de destruição, que os aliados descobrem que serão utilizadas contra a Costa Leste dos Estados dos Unidos. Na parte final do filme, o vilão tem o interesse de realizar um bombardeio em várias metrópoles do EUA, o que não chega a se realizar devido ao Capitão América combater o Caveira Vermelha que acaba sendo traído pela sua própria arma, que ao tocá-lo o desintegra.

Através do cinema foi possível evitar um bombardeio às cidades americanas. Hollywood representou a cena que seria possível caso as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki fossem evitadas, evento próximo ao fim da Segunda Guerra que gerou choque ao mundo. O filme não reproduziu o evento das bombas atômicas despejadas sobre o Japão, invertendo a ordem das coisas, colocando o EUA sob essa ameaça. Tal circunstância abre a possibilidade de discussão dessa inversão em sala de aula, assim como do

recorrente papel do cinema negar fatos que não privilegiem as ações americanas.

O filme dispõe de vários aspectos que podem ser trabalhados em sala de aula, desde que o professor se utilize de métodos e saiba manusear o documento de forma eficaz. Cabe ao docente proporcionar aos alunos uma boa discussão, provocando inquietações e a busca por uma compreensão individualizada acerca do conteúdo abordado em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Circe Bittencourt e Selva Guimarães, ao apontarem o uso das mídias em sala, enfatizam que sua utilização não pode substituir o professor, nem tampouco as aulas pela exibição de filmes ou leitura de jornais e revistas, pois, em caso de um uso bem direcionado pelo professor, ocasionaria numa construção de uma visão crítica de mundo pelo aluno e maior dinamização no processo de ensino-aprendizagem (BITTENCOURT, 2008; FONSECA, 2013). O professor deve ter uma postura de vanguarda, fugindo do tradicionalismo, atualizando suas linguagens com o novo cenário que lhe é apresentado.

Faz-se necessário observar que o cinema ocupa um espaço especial em nosso dia-dia, reflexo do fascínio que proporciona em cada indivíduo, ampliando novos horizontes e perspectivas, assim como o despertar nossos sentidos, como emoção, tristezas, felicidades e angústias. O presente trabalho buscou mostrar como o emprego do cinema no ensino de história pode se tornar uma ferramenta salutar ao professor em sala de aula, proporcionando-lhe alternativas ao livro didático e abrindo caminho promissores ao processo de ensino.

O filme *Capitão América: O Primeiro Vingador*, por meio de sua obra ficcional, relaciona-se com a cultura histórica e com o contexto de produção. O discurso ideológico e o caráter nacionalista do personagem ficam evidente. A ligação entre os EUA e o herói é o combustível necessário para população e sua mobilização, pois, Steve Rogers é o agente de defesa da América contra a ameaça Nazista. O palco da Segunda Guerra Mundial molda a batalha, repetindo um enredo bem particular da indústria americana de cinema.

Partindo disso, o cinema através de seus filmes deve se tornar um agente agregador ao Ensino, não se apresentando com uma ferramenta absoluta, e sim colaborativa, pois o processo de educação é complexo e envolve diferentes fatores. Desta feita, verifica-se adequado problematizar, questionar e propor maneiras para o desenvolvimento do Ensino, levando o aluno a ter um olhar mais amplo sobre a História, tornando-se mais consciente, crítico e, por consequência, habilitado a enfrentar os desafios do mundo.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. *História (São Paulo)*, v. 22, n. 1, p. 183-193, 2003.

ABUD, Katia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Congage Learning, 2013.

APOLINÁRIO, Maria Raquel. *Projeto Araribá – História*. São Paulo: Moderna 2ªed. 9º ano. 2007.

BALDISSERA, José Alberto. A Idade Média através do cinema: entrevista com José Rivair Macedo. *Cadernos IHU em formação: Idade Média e Cinema*, São Leopoldo, v. 2, n. 11, p. 22-25, 2006.

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. De Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jahar, 2002.

BURKE, Peter. *A escolas dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.

CAPARRÓS-LERA, J.M., ROSA, C. S. O cinema na Escola: uma metodologia para o ensino de história. *Educação em Foco*, v.18, n.2, 189-210, jul./out. 2013.

DUBY, Georges. História social e ideologia das sociedades, in: *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FANTIN, Mônica. Cinema e Imaginário Infantil: a mediação entre o visível e invisível. *Revista Educação e Realidade*, vol. 34, n. 2, p. 205-223, mai/ago, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9357/5546>>. Acesso em: 05 de setembro de 2020.

FERREIRA, Carlos A. Lima. Ensino de história e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão, *RHR – Revista de História Regional*, vol.4, n.2, inverno, p.139-157, 1999.

FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FERRO, Marc. O filme uma contra-análise da sociedade. In: LE GOFF; J. NORA, P. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 199-215, 1971.

FONSECA, Selva. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: Papirus, 2013.

GERSTLE, Gary. Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da guerra. *Revista Tempo*, nº 25, julho de 2008.

HIPOLIDE, Márcia Cristina. *O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: metodologias e conceitos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

LIMA, Douglas M. X. de. Desenhos animados no ensino de história: a Idade Média em *Gato Félix* e *Três Espiãs demais*. *Acta Scientiarum – Education*, 2021 [no prelo].

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico In Estudos Históricos – Teoria e História. Rio de Janeiro: Editora FGV, nº 5, 1992, p. 237-257.

MARNY, Jaques. *Sociologia das histórias aos quadradinhos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

MEIRELLES, William Reis. O Cinema como Fonte para o Estudo da História. *História & Ensino*, v. 8, p. 155-167, 1997.

MELO, S.F.B. O sentinela da liberdade e sua jornada heroica. *Akrópolis*, v.16, n.2, p.121-130, 2008.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, n. 2, p. 27-35, 1995.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Cinema: experiência cultural e escolar. In: Caderno de cinema do professor: dois. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo: FDE, 2009.

_____. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, C. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, p. 236-289, 2011.

PEDROSO, Rodrigo Aparecido de Araújo. *Vestindo ainda mais a bandeira dos EUA: o Capitão América pós-atentados de 11 de setembro*. São Paulo: Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2014.

RAVANELLO, R. Prefácio. Da imagem ao pensamento. In: REALI, N. G. *Cinema na Universidade: possibilidades, diálogos e diferenças*. Chapecó, SC: Argos, 2007.

ROSENSTONE, R. A. *A história nos filmes. Os filmes na história*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2015.

ROSSINI, M. As marcas da história no cinema, as marcas do cinema na história. *Anos 90*, n.12, dez. 1999.

SETTON, M. *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo, SP: Annablume, 2004.

SILVA, R. *Cinema e Educação*. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SOUZA, Éder C. O uso do cinema do ensino de história: propostas recorrentes, dimensões teóricas e perspectivas da educação histórica. *Revista Escritas*, v.4, p.70-93, 2012.

SOUZA, Nano. *Capitão América: herói ou vilão?* 2003. Disponível em: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2003/capitao_americap1.cfm> Acesso em: 13 de agosto de 2020.

SOUZA, Éder Cristiano de. O que o Cinema pode ensinar sobre a História? Ideias de jovens alunos sobre a relação entre filmes e a aprendizagem histórica. *História & Ensino*, Londrina, Paraná, V. 16, n.1, p.25-39, 2010.